

## THE DISAPPEARANCE OF FINBAR / 1996 (O Desaparecimento de Finbar)

um filme de **Sue Clayton**

**Realização:** Sue Clayton / **Argumento:** Dermot Bolger, Sue Clayton (adaptado de “The Disappearance of Rory Brophy”, de Carl Lombard) / **Direção de Fotografia:** Eduardo Serra / **Direção de Arte:** Connor Devlin, Bengt Fröderberg, Ned McLoughlin / **Som:** Ronald Bailey, Ben Barker, Andrew Griffiths, Richard King, Tim Lewiston, Mats Lindskog / **Composição:** Davy Spillane / **Montagem:** J. Patrick Duffner / **Direção de Casting:** Nuala Moisselle / **Cenários:** Anna-Lena Hansen / **Figurinos:** Marie Tierney, Kersti Vitali / **Interpretação:** Luke Griffin (Danny Quinn), Jonathan Rhys Meyers (Finbar Flynn), Fanny Risberg (Abbi), Sif Ruud (Johanna), Lorraine Pilkington (Katie), Sean Lawlor (Michael Flynn), Jake Williams (Young Finbar) and Robert Hickey (Young Danny), etc.

**Produção:** Victoria Film, Channel 4 Television, First City Features Ltd., Samson Films / **Produtores:** Martin Bruce-Clayton, Bertil Ohlsson / **Produtores Executivos:** Jonathan Olsberg, Rod Stoneman, Ole Søndberg / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em sueco e eletronicamente em português / **Duração:** 103 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

---

Finbar desaparece. Diz-se que saltou de uma ponte e nunca mais foi visto. Desaparece da vida dos outros, da cidade periférica de Dublin onde cresceu, e da Irlanda que já não o suporta — e talvez nunca o tenha verdadeiramente acolhido. Com ele desaparece também aquilo que parecia inevitável: o destino herdado, repetido, dos pais, que lhe estava reservado no caso do fracasso dos planos que estes tinham para ele, e é precisamente para aí que a história se encaminhava. “You will never get out of this hole”, grita-lhe o pai, furioso, quando Finbar regressa como um herói falhado — no auge da juventude, ainda todo feito de potencial — depois de se ter autossabotado em Zurique, onde despontava uma promissora carreira futebolística. O pai não grita por crueldade, mas por saber exatamente o que vem a seguir — porque o viveu. É relembrando ao pai a sua própria hipocrisia que Finbar lhe responde, deixando-o cada vez mais hostil.

O pai entende-o como uma extensão de si próprio, e como uma última hipótese de alcançar a vida que a própria “vida” não lhe permitiu atingir. Nesse sentido, o patriarca representa toda aquela comunidade, ou até classe, que deposita em Finbar a esperança da sua emancipação simbólica, perdoando-lhe, por isso, todos os pecados, como se perdoa uma *rock-star*, desde que esta continue a atuar.

É também dessa pressão que Finbar foge: das expectativas sufocantes, do peso do fracasso perante a comunidade, e da certeza de um futuro já traçado que nunca escolheu. Tudo misturado com uma certa impulsividade adolescente.

Para Danny, o amigo que fica — que é talvez quem melhor entende Finbar, porque não o admira tanto como o inveja — o desaparecimento de Finbar não é apenas um enigma, é uma fratura, uma ausência que o perturba e se infiltra lentamente no quotidiano até começar a corroer-lhe a vida. É isso que acontece quando alguém desaparece sem deixar rasto, sem corpo, sem desfecho. Na noite do desaparecimento, Danny prepara-se já para enfrentar a morte, para iniciar o processo de luto, mas o investigador adia-o ao dizer que não se encontrou nenhum corpo. E assim a vida de Danny fica em suspenso, até que chegada de notícias de Finbar da Suécia. E sem mais nem menos, Danny, cansado de ser secundário – na sua vida e na própria estrutura do filme -, parte em busca de pistas.

Aquilo que se encaminhava para uma estrutura clássica de um filme de investigação — a busca por alguém perdido — transforma-se muito rapidamente noutra coisa. O desaparecimento de Finbar é também, à semelhança do de Laura Palmer em **Twin Peaks** – e as semelhanças aí se esgotam –, uma ruptura simbólica que abala a comunidade: o que desaparece não é apenas uma pessoa, é uma ideia de futuro, de identidade, continuidade e reconhecimento. Finbar torna-se um protagonista na forma de uma ausência. Esta ausência instala-se como uma sombra persistente, corroendo as certezas de Danny e da sua mãe, que passa a ter medo – e aparentemente com razão – que o filho siga os passos do amigo.

**The Disappearance of Finbar**, primeiro e único filme de ficção da realizadora britânica Sue Clayton, começa como um drama social no sul de Dublin e evolui para um *road movie* existencialista, e digo existencialista porque o desaparecimento abre espaço para Danny se questionar sobre quem é ele fora das circunstâncias em que cresceu, e, sobretudo, para além de Finbar, com quem a relação é marcada pela competitividade e inveja que sustentam a sua co-dependência.

A primeira parte do filme inscreve-se quase num realismo britânico, com ecos de Ken Loach — que o diga o estoicismo da mãe de Finbar, que lembra a passividade em relação à pobreza da mãe de Billy Casper em **Kes**. São retratados rapazes sem futuro à vista, bairros operários com poucas saídas e uma masculinidade encurralada entre a apatia e a violência.

Quando Danny chega à Suécia — primeiro a Estocolmo, depois ao norte gelado do círculo polar ártico —, o filme muda de tom, mas não de substância. A Irlanda cinzenta e húmida dá lugar a paisagens cobertas de neve, a longos silêncios e a personagens excêntricos e *kaurismäkianos*. O mundo torna-se mais estranho, mais lento, mais aberto ao absurdo; mais cómico e sobretudo mais metafórico. O apogeu desta última característica é o reencontro entre Danny e Finbar que, quando finalmente acontece, não é apoteótico nem revelador. É ambíguo, seco, desconfortável. Não há explicações nem reconciliações fáceis porque a questão nunca foi só "onde está Finbar?". O seu aparecimento não resolve as questões levantadas. É tarde demais. Finbar, quando reaparece, já não é o protagonista, é agora uma presença fantasmagórica, uma assombração, funcionando como uma espécie de "alter ego" ou entidade que encarna as inseguranças e tensões internas de Danny. Um Tyler Durden (**Fight Club**) com menos consequências físicas para o narrador.

A dimensão quase mítica de Finbar ganha de novo corpo para que Danny a possa desconstruir e, finalmente, libertar-se.

Tiago Leonardo